

RUBEM BRAGA

## CONSULTORIO

Isso de escrever todo dia em jornal sempre resulta em complicações. Já não falo de complicações políticas; falo das pessoas. Outro dia, por exemplo, falei de um amigo que estava passeando com sua amada. Pois uma senhorita achou que o amigo em questão era o seu namorado. E já de me mandar cartas. Naturalmente ella pensa que eu as mostrarei ao tal amigo e que em vista disso elle se mostrará menos tímido. A senhorita em questão, segundo parece, deseja casar com o tal meu amigo. Pessoalmente não faço nenhuma objecção. Casem-se, que diabo! Casar é uma dessas coisas que acontecem. E uma pessoa normal, com um pouco de paciência, pode supportar muito bem o casamento. Acho que todas as senhoritas devem se casar. Isso tem pelo menos uma vantagem: assim ellas deixam de ser senhoritas. E quanto menos senhoritas houver no mundo, melhor. Sempre fui de opinião que um dos males do Brasil é o excesso de senhoritas. A culpa não é dellas, está visto. Emfim, o essencial é que não posso animar o rapaz em questão simplesmente porque não sei quem é elle.

Outra senhorita — uma senhorita pobre — me mandou uma carta. Queria falar commigo, precisava de um apoio. Lendo o que escrevo, pensou que eu fosse uma boa criatura, capaz de ajudar uma pessoa afflicta. Não respondi a carta. Não me considero uma boa criatura. Sou uma criatura igual ás outras. No fundo, naturalmente, um bom sujeito. Mas até o diabo, no fundo, é "um bom sujeito": só o que estragou o pobre Lucifer foi aquella mania de querer ser Deus. O que não me é possível é dar conselhos. Outro dia o Justino, da "Revista do Globo", queria que eu respondesse a uma carta em que uma jovem pedia conselhos sentimentaes. Tive a honestidade de não responder. Nisso de sentimentos sou confuso e dou amplas mancadadas. Nada entendendo de amores, de suspiros, dessas coisas assim. Naturalmente eu amo, eu suspiro, eu faço tudo isso como Deus manda, visto que si estamos na terra é mesmo para soffrer. Tenho, porém, uma grande dificuldade em me dirigir nesses assumptos; seria simplesmente um patife si fosse dirigir outras pessoas. Tenho a impressão de que si uma pessoa fosse seguir meus conselhos em materia de amor chegaria um dia em que ella haveria de me perguntar:

— E agora?

E tudo o que eu poderia responder seria isso:

— Agora acho que o melhor para a senhorita é atear fogo ás vestes ou ingerir lysol.

— Mas você, no meu caso, o que faria?

— Não sei.

Sou, portanto, um horrivel conselheiro. E tanto em amor como em poesia. Falo de poesia porque uma joven me mandou versos. Seu ideal é fazer versos. Mandou-me meia duzia de sonetos e pede conselhos. Fiquei atrapalhado e procurei hontem á tarde o Erico Verissimo. Elle que me ajudasse nesse transe amargo. Erico Verissimo leu os seis sonetos com toda a attenção e delicadeza e depois murmurou:

— E'...

Como eu insistisse, appellasse para elle, pedisse conselhos, instrucções, suggestões, soccorro, elle apenas disse:

— Não fique afflicto. Rubem. Isso acontece...

E mais não disse. Que devo eu fazer? Os sonetos estão aqui em cima da minha mesa. Não gosto delles. Não gosto, por exemplo, porque a moça em certo ponto diz que as borboletas "osculam florzinhas". Osculam quer dizer: beijam. Mas beijar é uma coisa natural, agradável, boa. Oscular me parece uma coisa horrivel. Confesso que morreria de vergonha e de odio si alguém me desse um "osculo". Entretanto ha pessoas que acham um beijo coisa muito vulgar e preferem osculos. Osculem-se, osculem-se. Nada tenho a ver com isso — e tudo o que eu peço é que não me osculem. Mas que conselho devo dar? Pessoalmente — já disse — não gosto dos sonetos. Mas com toda a certeza ha quem goste. Meu gosto não pode ser uma opinião: é simplesmente um gosto. Ha muita coisa de que não gosto e muita gente gosta. Sou capaz de fazer uma grande viagem maritima sem enjoar. Um tango, entretanto, me produz uma leve tonteira. Dois tangos me produzem mal estar e tres tangos provocam em mim nauseas positivas. Entretanto o meu amigo don Carlos de Reverbel adora tangos. Que concluir dahi? Não concluo nada. Quem quizer concluir alguma coisa conclua. Isso não me incommoda. O que me incommoda é o tango.

Diz a poetisa que isso de fazer versos é o grande ideal de sua vida. Trata-se de uma joven pobre, idealista, pura, afflicta. Minha resposta pode lhe parecer brutal. Que fazer? Tudo o que peço é que não me peçam conselhos, principalmente sobre amores e poesias. Amem, versem, osculem-se, casem-se, tenham filhos, damnem-se, morram — mas, por favor, eu não quero ter responsabilidade em nada disso.